

ENTRE TABULEIROS, RESTINGAS E CERRADOS: A CONSERVAÇÃO *IN SITU* DA MANGABEIRA PELAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE EXTRATIVISTAS

Josué Francisco da Silva Júnior¹; Dalva Maria da Mota²; Heribert Schmitz³; Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues⁴

¹ Engenheiro agrônomo, M.Sc., Embrapa Tabuleiros Costeiros, Recife, PE, Brasil, josue.francisco@embrapa.br;

² Socióloga, D.Sc., Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA, Brasil, dalva.mota@embrapa.br;

³ Sociólogo, Dr.; Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil, heri@amazonet.com.br;

⁴ Bacharel em Comunicação Social, M.Sc.; Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, Brasil, raquel.fernandes@embrapa.br.

Durante expedições de coleta de germoplasma de mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomes), observou-se que a conservação da espécie estava intimamente ligada a comunidades tradicionais, as quais retiravam dos frutos uma das suas principais fontes de renda. Essa população, invisível até então para quase todas as políticas de governo, passou a ganhar espaço e reconhecimento como fundamentais na conservação *in situ* da espécie. A mangabeira é uma fruteira de grande importância para as regiões Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, que garante o sustento e fornece alimento para milhares de famílias extrativistas. No entanto, as áreas naturais da mangabeira, nas quais o extrativismo é praticado, estão localizadas em algumas das regiões de maior antropização do país, com acentuada especulação imobiliária, bem como em regiões de exploração agropecuária intensa, o que tem transformado drasticamente a paisagem e extinguido os modos de vida tradicionais de populações. O objetivo deste trabalho foi levantar e analisar o papel das comunidades tradicionais de extrativistas de mangaba na conservação das áreas naturais e dos saberes relacionados à espécie. Utilizando-se métodos que envolveram as ciências naturais e sociais, foi levantando e analisado o papel dessas comunidades na conservação dos remanescentes de mangabeira e dos saberes a ela relacionados. A aplicação dos métodos utilizados gerou um significativo volume de dados e informações sobre o histórico da atividade; perfil e tipologia dos extrativistas; as ameaças ao extrativismo e às áreas naturais de ocorrência da mangabeira (estado de conservação); os conflitos; as formas de acesso e gestão das áreas; os saberes e tradições ameaçadas; a organização dos extrativistas; e os modos de venda e consumo da mangaba. Esse trabalho proporcionou o entendimento das relações entre os extrativistas e os recursos genéticos dos quais sobrevivem, gerando documentos, mapas, subsídios a políticas públicas importantes e intervenções que têm contribuído para a melhoria da qualidade de vida dessas populações e para a conservação *in situ* dos recursos genéticos da mangabeira.